



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LUCIANO DIAS

**INTERAÇÃO NO FUTEBOL DE CAMPO: JOGADORES
APINAJÉ E JOGADORES DA CIDADE DE TOCANTINÓPOLIS –
TO**

Tocantinópolis/TO
2021

LUCIANO DIAS

**INTERAÇÃO NO FUTEBOL DE CAMPO: JOGADORES
APINAJÉ E JOGADORES DA CIDADE DE TOCANTINÓPOLIS –
TO**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Campus
Universitário de Tocantinópolis/TO, Curso de Ciências
Sociais para obtenção do título de Licenciado em
Ciências Sociais sob a orientação da Profª. Drª. Mariane
da Silva Pisani.

Tocantinópolis/TO
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

D541i Dias, Luciano.

INTERAÇÃO NO FUTEBOL DE CAMPO: JOGADORES APINAJÉ E
JOGADORES DA CIDADE DE TOCANTINÓPOLIS – TO. / Luciano Dias. –
Tocantinópolis, TO, 2021.

43 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Ciências Sociais, 2021.

Orientadora : Mariane Da Silva Pisani

1. Antropologia dos Esportes. 2. Apinajé. 3. Futebol. 4. Etno-desporto. I.
Título

CDD 300

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUCIANO DIAS

INTERAÇÃO NO FUTEBOL DE CAMPO: JOGADORES APINAJÉ E JOGADORES DA CIDADE DE TOCANTINÓPOLIS – TO

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis/TO, Curso de Ciências Sociais para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Mariane da Silva Pisani.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Mariane da Silva Pisani – UFT – Orientadora

Prof. Dr^a. Rita de Cássia Domingues Lopes – UFT – Membro Interno

Prof. Dr. Wellington da Silva Conceição – UFMA – Membro Externo

Tocantinópolis/TO

2021

Aos meus pais de criação Joaquim Dias e Maria Madalena da Conceição Dias e à minha mãe Maria de Fátima Dias. À minha filha Lara Melissa Costa Dias. À minha esposa Muriane da Paz Costa. Aos meus três irmãos, em especial à Gean Pereira de Sousa, pela motivação, confiança e fé.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo descrever como - a partir da prática do futebol – indígenas Apinajé e não indígenas, relacionam-se na cidade de Tocantinópolis. A pergunta de pesquisa que orienta este TCC é: de que forma as relações sociais, entre Apinajé e não indígenas, são estabelecidas nos jogos de futebol na cidade de Tocantinópolis – TO? Para o desenvolvimento dessa pesquisa foram utilizadas a metodologia qualitativa de estudo de caso e as técnicas de Observação Participante e Entrevista. As entrevistas foram feitas com dois jogadores indígenas, com a supervisão da orientadora, no campus universitário da UFT de Tocantinópolis – TO. Enquanto as observações participantes foram realizadas acompanhando o campeonato “Copa Indígena”, nas visitas dos jogos nas aldeias e na cidade. Com base nas observações e nas análises das entrevistas compreendemos que as relações entre indígenas Apinajé e não indígenas estabelecidas nos jogos de futebol são permeadas por vínculos superficiais de amizade no contexto futebolístico. Além disso, identificou-se que o conceito analítico de Fricção Interétnica (OLIVEIRA, 1967), que consta na hipótese na pesquisa, não se aplica no presente estudo de caso, ao passo que o Etno-desporto (FASSHEBER, 2006) tem vigorado na prática esportiva futebolística dos Apinajé, pois através do mesmo os jogadores Apinajé aplicam ressignificação da cultura, dos valores morais, éticos e da identidade.

Palavras-chaves: Antropologia dos Esportes. Apinajé. Futebol. Etno-desporto.

ABSTRACT

This Course Completion Work aims to describe how - from the practice of football - Apinajé and non-indigenous people relate to each other in the city of Tocantinópolis. The research question that guides this TCC is: how are social relations, between Apinajé and non-indigenous people, established in football games in the city of Tocantinópolis - TO? For the development of this research, the qualitative methodology of case study and the techniques of Participant Observation and Interview were used. The interviews were carried out with two indigenous players, under the supervision of the advisor, on the university campus of UFT in Tocantinópolis - TO. While the participant observations were carried out following the “Copa Indígena” championship, in the visits of the games in the villages and in the city. Based on the observations and analysis of the interviews, we understand that the relationships between Apinajé indigenous people and non-indigenous people established in football matches are permeated by superficial bonds of friendship in the football context. In addition, it was identified that the analytical concept of Interethnic Friction (OLIVEIRA, 1967), which appears in the hypothesis in the research, does not apply in the present case study, while Ethno-sport (FASSHEBER, 2006) has in force in the Apinajé's football sports practice, because through it Apinajé players apply a re-signification of culture, moral, ethical and identity values.

Keywords: Anthropology of Sports. Apinajé. Soccer. Ethno-sport.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Mapa do Estado do Tocantins, com enfoque na Região do Bico do Papagaio.....	14
Figura 2 - Apinajé paramentado com cocar de penas de arara.....	19
Figura 3 - Mapa sobre os limites da Terra Indígena Apinajé	20
Figura 4 - Fluxograma sobre a estrutura e organização anual dos campeonatos de futebol da cidade de Tocantinópolis.....	30
Figura 5 - Para de identificação do campeonato "Copa Indígena dos Povos Apinajés".	30
Figura 6 - Plateia durante partida de futebol indígena (equipe feminina).	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A CONSTITUIÇÃO DA PESQUISA E SEU PERCURSO METODOLÓGICO	10
2.1	O Problema de pesquisa.....	10
2.2	Metodologia de Pesquisa	11
2.3	Justificativa e relevância para área de Ciências Sociais	13
3	BREVE HISTÓRICO SOBRE CIDADE DE TOCANTINÓPOLIS – TO ...	14
3.1	Localização Geográfica	14
3.2	Formação Histórica	15
3.3	Indígenas Apinajé na cidade de Tocantinópolis –TO	17
3.4	Fricção interétnica: algumas considerações iniciais.....	20
4	ALGUMAS QUESTÕES SOBRE FUTEBOL E A SUA PRÁTICA POR SOCIEDADES INDÍGENAS	22
4.1	Futebol no Brasil: questões sobre classe, raça e gênero.....	22
4.2	A disseminação do Futebol entre os povos indígenas no Brasil	26
5	INDÍGENAS NA CIDADE DE TOCANTINÓPOLIS E O FUTEBOL	28
5.1	Campeonatos de futebol na cidade de Tocantinópolis	29
5.2	Interação interétnica a partir dos jogos de futebol	31
5.3	Entrevistando apinajé que são jogadores de futebol.....	33
6	CONCLUSÕES.....	37
	REFERENCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo compreender – a partir da prática do futebol - indígenas Apinajé¹ e não indígenas, relacionam-se na cidade de Tocantinópolis. O problema de pesquisa que orienta este TCC é de que forma as relações sociais, entre Apinajé e não indígenas são estabelecidas nos jogos de futebol na cidade de Tocantinópolis – TO?

A fim de responder pergunta o presente trabalho será composto por 04 capítulos. O primeiro capítulo intitulado “*A constituição da pesquisa e seu percurso metodológico*”, mostra os caminhos que foram percorridos pelo pesquisador do seu início até a composição final monografia. O objetivo é situar, metodologicamente, o(a) leitor(a) na construção da pesquisa.

Já o segundo capítulo, que tem como título “*Breve Histórico Sobre Cidade De Tocantinópolis – TO*”, apresenta alguns dados sobre a localização geográfica da cidade de Tocantinópolis, bem como alguns aspectos políticos e históricos da formação da mesma. Ainda nesse capítulo realizamos um resgate bibliográfico sobre as produções feitas na Antropologia a respeito da etnia Apinajé. O nosso objetivo é contextualizar como o surgimento da cidade de Tocantinópolis, inclui na sua constituição – ou não – a participação de pessoas da etnia Apinajé.

Para fazer a discussão sobre a história da cidade de Tocantinópolis são utilizados os seguintes autores: Palacin (1990), Sousa (2008) e Pereira (2012). Já para contextualizar a presença dos Apinajé na região, utilizamos autores(as) da Etnologia Clássica como Curt Nimuendajú (1956/1983) e Roberto DaMatta (1976). Ao final deste capítulo apresentamos o conceito de Fricção Interétnica (OLIVEIRA, 1967), uma vez que ele nos ajuda a compreender as relações e interações – históricas – que são estabelecidas entre o povo Apinajé e os moradores (não indígenas) da cidade de Tocantinópolis.

No terceiro capítulo, “*Algumas questões sobre futebol e a sua relação social interétnica*”, apresentamos um breve histórico sobre o futebol, bem como questões que dizem

¹ A grafia da palavra Apinayé difere em alguns contextos. A Terra Indígena é grafada como Apinayé; já auto-identificação aparece como Apinayé; existem ainda alguns nomes próprios são registrados nos cartórios da cidade de Tocantinópolis como Apinayé. Nesse TCC utilizaremos o registro Apinayé quando nos referirmos ao grupo em sua totalidade.

respeito à classe, raça e gênero a partir desta modalidade. Ajudam-nos nessa discussão a antropóloga Mariane da Silva Pisani (2012, 2018, 2020 e 2021), o educador físico Rodrigo dos Santos (2014) e o historiador Jefferson Evandro Machado Ramos (2021). Ainda nesse capítulo mostramos como o futebol foi disseminado em diferentes sociedades indígenas no Brasil. Ajudam-nos nesse momento Cleber Dias (2002) e Marina Vinha e Maria Beatriz Rocha Ferreira (2003)

No quarto e último capítulo, que tem como título “*Indígenas na cidade de Tocantinópolis e o futebol*”, discutiremos sobre os sentidos e significados do futebol de campo entre indígenas Apinajé e não indígenas da cidade de Tocantinópolis, buscando compreender o conceito de *etno-desporto* (FASSHEBER, 2006). José Fassheber define este conceito da seguinte maneira:

A prática das atividades físicas tanto sob a forma de jogos tradicionais específicos e a mimesis que dinamiza estes jogos, quanto sob a forma de adesão ao processo de “mimesis do esporte global” da sociedade Fóg. Em outros termos, é a capacidade de cada povo indígena de adaptar-se aos esportes modernos, sem, contudo, perder sua identidade étnica. (FASSHEBER, 2006, p. 29)

Por *Etno-desporto* compreendemos, portanto, a expressão do processo de resignificação de valores culturais – a partir da interação interétnica - e uma reinserção no mundo dos não indígenas a partir da prática do futebol. O futebol se expressa como um padrão de relações interculturais por meio do qual os povos indígenas manifestam sua identidade cultural através de pinturas corporais e a comunicação na língua indígena. Para Fassheber (2006) o *etno-desporto* seria o processo de transformação dos jogos ocidentais tradicionais – como o futebol, por exemplo – em novas práticas a partir das experiências indígenas. Assim, ao final deste trabalho, pretendemos mostrar de que forma as relações sociais, entre Apinajé e não indígenas são estabelecidas a partir dos jogos de futebol na cidade de Tocantinópolis.

2 A CONSTITUIÇÃO DA PESQUISA E SEU PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 O PROBLEMA DE PESQUISA

Este trabalho origina-se a partir da pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida pelo professor Dr. Wellington da Silva Conceição intitulada “Os Apinajé da Cidade: Interações e

Conflitos entre Indígenas e Não Indígenas Moradores da Área Urbana de Tocantinópolis (TO)”. A pesquisa ocorreu entre os anos de 2018 a 2021, e tinha como objetivo geral analisar os processos de interação e sociabilidade entre indígenas e não indígenas moradores da área urbana de Tocantinópolis. A minha participação como bolsista neste projeto ocorreu entre os anos de 2019 e 2020, sendo meu objetivo principal verificar como essas interações aconteciam nos campeonatos de futebol da cidade.

Ainda em 2019, durante a aplicação das entrevistas com indígenas jogadores de futebol, tive auxílio da professora e antropóloga Dr^a. Mariane da Silva Pisani – especialista em Antropologia dos Esportes e atualmente (ano de 2021) responsável, no colegiado de Ciências Sociais/Tocantinópolis, pela disciplina de Sociedades e Culturas Indígenas. Com a redistribuição do professor Wellington da Silva Conceição para Universidade Federal do Maranhão, este trabalho passou à supervisão da professora Mariane da Silva Pisani; e desta forma ela torna-se minha orientadora de TCC. Sob orientação da professora Mariane acrescentei neste trabalho algumas literaturas das áreas de Antropologia dos Esportes e da Etnologia Indígena. Da primeira área empresto o conceito de etno-esporte (FASSHEBER, 2006) e da segunda área o conceito de fricção interétnica (OLIVEIRA, 1967); ambos me ajudam na construção dos argumentos deste trabalho.

Este Trabalho de Conclusão de Curso se propõe descrever como - a partir da prática do futebol - indígenas Apinajé e não indígenas, relacionam-se na cidade de Tocantinópolis. Desta forma, o problema de pesquisa é: de que forma as relações sociais, entre Apinajé e não indígenas são estabelecidas nos jogos de futebol na cidade de Tocantinópolis – TO? Para o desenvolvimento deste trabalho a metodologia empregada foi qualitativa (GOLDENBERG, 2004) com uso de observação participante (HAGUETTE, 2010) e entrevistas (HAGUETTE, 2010).

2.2 Metodologia de Pesquisa

A metodologia que será aplicada nesta pesquisa é investigação qualitativa, pois busca entender a relação e a interação entre indivíduos, e o método qualitativo explica questões muito específicas. Segundo Minayo “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com nível de realidade que não pode ser quantificado” (2007, p. 21). O caminho para entender o universo de significados, crenças,

valores e etc., responde a espaços de relações e fenômenos que não podem ser explicados através de operacionalização de variáveis. Para definir pesquisa qualitativa utilizamos o trabalho de Miriam Goldenberg quando a mesma nos diz que:

Ao se pensar nas origens da pesquisa qualitativa em ciências sociais, corre-se o risco de se perder num caminho longo demais, que procurando as origens das origens não chega jamais ao fim (...). Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa em pesquisa se opõem ao pressuposto que defendem um modelo único de pesquisa para todas as ciências (...). Os pesquisadores qualitativistas recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social (...) (GOLDENBERG, 2002, p. 16-17).

Assumimos nesse TCC a perspectiva qualitativa ao compreender que as pesquisas em Ciências Sociais e Humanas não são necessariamente neutras – como defende a escola positivista. Ou seja, muito da subjetividade do pesquisador está presente no momento da coleta e análise de dados, da mesma forma está presente no momento de pesquisa. Mesmo sabendo que a subjetividade do pesquisador existe, nesta pesquisa tentamos, ao máximo, observar os princípios antropológicos do trabalho de campo. Ou seja, conduzimos essa pesquisa praticando a relativização cultural que é a postura metodológica deixar de lado os preconceitos e focar nas diferenças humanas, sem colocar essas diferenças em perspectiva hierárquica; ou seja, estabelecer que uma cultura seja superior e outra inferior (DAMATTA, 1987).

A socióloga Maria Teresa Frota Haguette, no livro *Metodologia Qualitativas na Sociologia* (1987), aborda as aplicações e limites das metodologias observação participante e entrevistas. Sobre observação participante a autora nos diz que “a observação participante não tem gozado de uma definição clara nas ciências sociais. Pode-se distinguir entre algumas concepções em termos de suas grandes linhas de abordagem” (HAGUETTE, 1987, p. 60). Aqui neste trabalho optamos pela seguinte definição:

“o observador participante (*o pesquisador*) deve compartilhar as atividades de vida e os sentimentos das pessoas em termos de relações face a face (...), um compartilhar consciente e sistemático, conforme as circunstâncias permitam. (...) *A observação participante* não supõe nenhum instrumento específico para direcionar a observação, tal como um questionário ou um roteiro de entrevista, e por essa esta razão, a responsabilidade do seu sucesso pesa quase que inteiramente sobre os ombros do observador (*pesquisador*)” (HAGUETTE, 1987, p. 61 e 68, *grifos nossos*).

A observação participante está presente neste trabalho nos momentos em que acompanhei as quatro partidas de futebol entre Apinajé e não indígenas na cidade de Tocantinópolis. Já sobre as entrevistas, a autora nos fala que elas podem “ser definidas como

um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (HAGUETTE, 1987, p. 75). Foram realizadas duas entrevistas abertas com dois indígenas Apinajé no ano de 2019.

Escolhemos essas técnicas, observação participante e entrevistas, pois nossa investigação não poderia ser feita somente pela análise bibliográfica ou métodos de pesquisas quantitativos. Acreditamos que essas técnicas, justamente porque utilizadas de forma complementar, nos ajudaram a alcançar as questões propostas nesta pesquisa. Sobretudo porque ajudaram a identificar inicialmente nos discursos dos entrevistados, e posteriormente nas práticas esportivas em campo, os sentidos e os significados relações sociais estabelecidas entre Apinajé e não indígenas da cidade de Tocantinópolis.

2.3 Justificativa e relevância para área de Ciências Sociais

O presente Trabalho de Conclusão de Curso discute algumas das relações sociais estabelecidas - a partir da prática do futebol – entre indígenas Apinajé e não indígenas moradores da área urbana da cidade de Tocantinópolis, interior do estado do Tocantins (TO). Muitas vezes no cotidiano urbano essas relações são permeadas por situações de preconceito e violência; e o futebol tende a se apresentar como um espaço aonde essas diferenças também são colocadas em perspectiva.

Dentro deste contexto, este trabalho faz uma contribuição, ainda que inicial, à área das Ciências Sociais, com enfoque na Antropologia dos Esportes. Levamos em consideração que a Antropologia dos Esportes é uma ciência que procura compreender a sociedade e seu funcionamento a partir de práticas corporais desportivas e/ou de lazer. Outro campo de conhecimento no qual esse trabalho se insere é na Antropologia Urbana, esta área, por sua vez, ocupa-se da descrição e análise das interações sociais nas pequenas, médias e grandes cidades. Um último campo do conhecimento no qual trabalho se insere e busca dar sua contribuição é aos estudos da Etnologia Indígena na medida em que busca identificar e compreender as interações entre indígenas Apinajé e não indígenas da cidade de Tocantinópolis nas competições esportivas futebolísticas. Para tal levamos em consideração os conflitos decorridos a partir da fricção interétnica (OLIVEIRA, 1967).

A partir deste trabalho, ensejo contribuir na possibilidade de ampliar o tema abordado, pois buscamos com esta pesquisa levar o leitor acadêmico indígena e não indígena a compreender suas relações sociais e seus significados tanto no leque do esporte como no contexto social local.

3 BREVE HISTÓRICO SOBRE CIDADE DE TOCANTINÓPOLIS – TO

3.1 Localização Geográfica

A cidade de Tocantinópolis está localizada no interior do Estado do Tocantins. Foi fundada no ano de 1858, sendo inicialmente batizada de Boa Vista do Padre João. Somente no ano de 1943, passou a chamar-se de Tocantinópolis. É uma cidade que possui pouco mais de 160 anos de formação histórica. Estima-se, segundo o site do Instituto Brasileiro de Estatística, que possui uma população em torno de 22.845 pessoas (BRASIL. IBGE, 2021).

A cidade localiza-se na região norte do estado de Tocantins, região que também é conhecida como “Bico do Papagaio” (Figura 1). Segundo Oliveira e Strassburg, o “Bico do Papagaio denomine a área do Interflúvio Araguaia-Tocantins, localizada na porção setentrional do território tocaninense, ela compreende ainda o sudoeste do Maranhão até o sudeste do Pará, a que a denominação Bico do Papagaio comumente se reporta” (OLIVEIRA, STRASSBURG, 2015, p. 130). Neste TCC, contudo, quando falarmos de Bico do Papagaio estaremos nos reportando à região que está compreendida dentro dos limites do Estado do Tocantins.

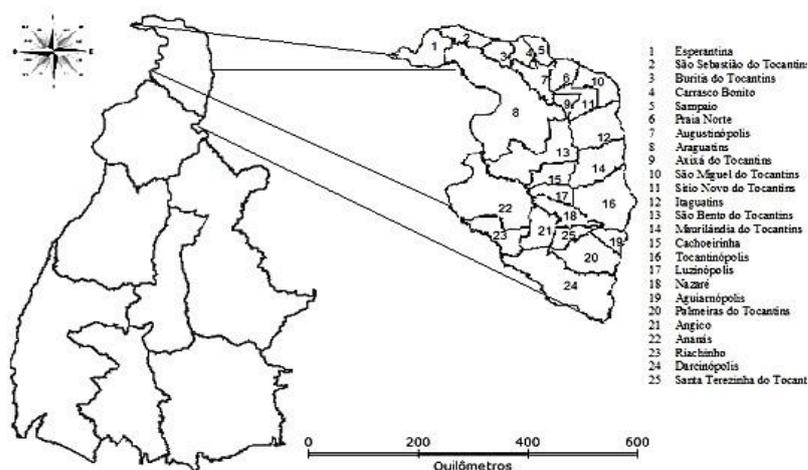


Figura 1- Mapa do Estado do Tocantins, com enfoque na Região do Bico do Papagaio. Fonte: Oliveira e Strassburg, 2015.

A cidade de Tocantinópolis, que aparece na Figura 1 como número 16, está às margens do rio Tocantins. Este, por sua vez, divide as regiões Norte e Nordeste do Brasil, e dessa forma separa os estados Tocantins e Maranhão. Na margem esquerda do rio localiza a cidade de Tocantinópolis e na margem direita do rio Tocantins está a cidade de Porto Franco, Maranhão. Antigamente, no século XIX a região do Bico do Papagaio era chamada de extremo norte goiano.

Sobre a colonização do extremo norte goiano sabemos que:

A colonização do extremo norte do estado de Goiás que devido à inexatidão dos limites territoriais e por apresentar determinadas riquezas minerais, foi travado um árduo embate entre goianos e maranhenses, para saber quem de fato passaria a pertencer àquelas vastas e desabitadas áreas juntamente com a sua ínfima arrecadação tributária (SOUSA, 2008, p. 13).

Tendo em vista estes conflitos, no próximo tópico falaremos sobre o processo histórico de ocupação da região que hoje compreendemos como Tocantinópolis.

3.2 Formação Histórica

A trajetória e formação histórica da cidade de Tocantinópolis começam com dois agricultores: Antônio Faustino e Venâncio. Ambos chegaram à região tocantinopolina nas primeiras décadas do século XIX.

Os agricultores Antônio Faustino e Venâncio, que partiram de Pastos Bons –MA, o pioneirismo de chegar à região do Taury, acompanhados de suas respectivas famílias, as margens do rio Tocantins e criar o primeiro núcleo de povoamento de Tocantinópolis. O lugar recebeu o nome de Boa Vista, de acordo com os relatos históricos, foi em função da pequena elevação de seu relevo e de suas belezas naturais. (SOUSA, 2008, p. 14).

Antônio Faustino e Venâncio trouxeram suas famílias e se instalaram na margem do rio Tocantins, buscando novas terras e riquezas naturais. A partir daí o lugar com pequena elevação de relevo e belezas naturais e na beira rio, recebeu o nome de Boa Vista, desmitificando Pedro José Cipriano como fundador do primeiro núcleo urbano de Boa Vista do Padre João.

Existe outro relato sobre a fundação de Tocantinópolis. A outra história do surgimento de Boa Vista do Padre João, retratado por Carvalho *apud* Sousa (2008), sugere que a cidade

foi fundada por Dona Apolônia. Esta seria a principal responsável pela construção do primeiro núcleo urbano.

Conforme nos narra a historiadora Carlota Carvalho, que viveu num período bem próximo ao do surgimento de Boa Vista do Tocantins, Pedro José Cipriano não seria o verdadeiro fundador da referida cidade. Para ela, este feito coube à dona Apolônia, que foi a responsável pela edificação do primeiro núcleo urbano de Tocantinópolis. (SOUSA, 2008, p. 14).

Nessa outra análise evidenciam-se relatos de pessoas que afirmam o papel crucial de Dona Apolônia para a história da região. Tenta-se desmitificar a história de José Cipriano como figura central na fundação do primeiro núcleo tocaninopolino. No entanto, nosso objetivo nesse capítulo é resgatar algumas possibilidades de narrativas a respeito da formação e trajetória histórica de Tocantinópolis. Não nos compete atribuir maior relevância para esta ou aquela narrativa, mas sim mostrar como um mesmo fato histórico pode ser contado de diferentes maneiras.

A população residente nas margens dos rios, durante os séculos XIX e parte do século XX, buscavam melhorias de vida. Ou seja, lugares mais desenvolvidos, e dessa forma faziam migrações de uma cidade para outra. Através desses dados verificamos que as cidades das margens do rio Tocantins e Araguaia foram as que mais tiveram movimentações de pessoas que por sua vez foram influências direta no desenvolvimento econômico, político, cultural e social da região. Os rios Tocantins e Araguaia foram como “estradas” que ligaram cidades do interior, como Boa Vista do Padre João, à capital do Estado de Goiás. Cabe ressaltar que a capital do Estado goiano foi denominada, até o ano de 1932, como Cidade de Goiás. Foi somente em 07 de novembro de 1935 que a capital de Goiás se torna o que conhecemos hoje como Goiânia. Dessa forma, durante os séculos XIX e parte do século XX, as regiões distantes dos rios eram afetadas negativamente devido à falta de ligação com a cidade capital. Segundo Palacin, “o largo território (...) continuava dominado quase integralmente por Índios hostis” (PALACIN, 1990, p. 19).

O censo realizado no ano de 1883, vale ressaltar que Palacin (1990) realizou pesquisa nos arquivos paroquiais:

O quadro é o seguinte: homens nascidos na paróquia de Boa Vista, 182; nascidos no Maranhão, 214; nascidos no Piauí, 10; nascidos no Ceará, 6; nascidos na Bahia, 3; provenientes de outros municípios de Goiás, 12; sem indicação de origem, 18. Mulheres: de Boa Vista, 249; do Maranhão, 154; do Piauí, 5; do Ceará, 4; do Pará, 9; da Bahia, 3; 6, de Goiás, e, sem indicação de origem, 19. Dos que não consta a

origem, podemos supor que alguns são índios, pois os casamentos foram realizados na aldeia; mas seu número é pequeno, quatro ou cinco. Do resto poderia afirmar-se, quase com certeza, tratar-se de imigrantes, pois dos nascidos na paróquia seria fácil averiguar a origem. Desta forma, entre os homens, os nascidos fora do termo de Boa Vista chegam a 52%, e as mulheres a 44,6%. (PALACIN, 1990, p. 21).

Na citação anterior, o contato e a interação entre indígenas e não indígenas continuavam sendo registrados pelos locais. Nesse caso, os casamentos dos quais não se tinham registro eram aqueles que não eram de origem católica; ou seja, eram aqueles realizados nas aldeias Apinajé.

no século XIX, a realidade vivida pelas pessoas residentes na cidade de Boa Vista do Padre João, Palacin nos fala que:

Urbanisticamente, Boa Vista continuava sendo muito pouca coisa: é verdade que algumas casas começavam a ser cobertas de telhas, mas todas continuavam com paredes de adobo ou taipa - a alvenaria só seria introduzida na construção vinte e cinco anos depois. (PALACIN, 1990, p. 22).

A realidade da cidade no aspecto urbano, relatada na citação, é que tinham casas com telhas e paredes de adobo, ou seja, de barro. Também tinha algumas casas de taipa, ou seja, de barro e da madeira com telhas. Com a queda da mineração, o principal recurso da cidade era as grandes propriedades rurais, os fazendeiros, que detinham o poder aquisitivo, ou seja, as criações de gado.

3.3 Indígenas Apinajé na cidade de Tocantinópolis –TO

Durante esse capítulo buscamos resgatar parte da história oficial da cidade de Tocantinópolis. Não por acaso, na descrição desta história oficial do município, o povo Apinajé ora permanece à margem e é esquecido/apagado, ora é descrito como “selvagem”. Contudo é preciso lembrar que, muito antes da região ser conhecida como Boa Vista (ou mesmo Tocantinópolis), os Apinajé já residiam por aqui.

Os primeiros “civilizados” a alcançar o território ocupado pelos Apinajé foram jesuítas que, entre 1633 e 1658, empreenderam quatro entradas Tocantins acima, a fim de “descerem” índios para as aldeias do Pará. À medida que os caminhos pelos rios Araguaia e Tocantins foram sendo abertos, o contato com os grupos indígenas que habitavam esta região tornou-se mais constantes e as referências aos Apinajé cada vez mais precisas. Os rios Araguaia e Tocantins tiveram várias expedições coloniais a percorrer suas águas no primeiro quartel do século XVIII, vindas não apenas do sul, mas também do Maranhão e Pará, que disputavam a posse da rica

região aurífera recentemente descoberta pelos bandeirantes de São Paulo no sul de Goiás. Até o final do século XVIII os Apinajé entraram diversas vezes em contato hostil com os “civilizados”, empreendendo “correrias” pelo Tocantins para apoderarem-se de ferramentas. (ISA, 2021).

Segundo o site do Instituto Socioambiental (ISA), os primeiros contatos entre os Apinajé e povos não indígenas datam de mais de 388 anos. Sabemos, portanto, que os primeiros contatos com os Apinajé foram realizados por jesuítas que, através das navegações no Rio Tocantins, exploravam novos territórios e riquezas para a família imperial. Em decorrência dos contatos entre indígenas e não indígenas, muitas vezes permeados por violências – simbólicas e físicas - os Apinajé acabaram por sair das margens do rio em busca de segurança no interior da mata.

A intensificação das navegações no Rio Tocantins por estranhos levou os Apinajé a abandonar a navegação, bem como abandonarem a condição de moradores às proximidades das margens do Rio Tocantins, portanto, na atualidade tendo a maioria de suas aldeias distantes do rio. (SOUSA, 2008, p. 11).

As terras que estavam na beira do rio, e que eram inicialmente aldeias Apinajé, foram então transformadas e, por consequência, viraram a cidade que conhecemos hoje como Tocantinópolis. Dessa forma, a cidade de Tocantinópolis (que até meados da década de 1940 era chamada de Boa Vista do Padre João) surgiu na margem esquerda rio Tocantins em decorrência das navegações fluviais realizadas desde o período colonial. Cabe ressaltar que as navegações nos rios – Tocantins e Araguaia - eram a principal forma de transporte para exportação e importação de mercadorias.

Segundo Sousa (2008), os indígenas Apinajé até resistiram às primeiras ocupações de seu território, contudo com o passar do tempo e com a intensificação dos contatos chegaram os primeiros moradores do povoamento de Boa Vista do Padre João e consolidou-se o distanciamento das aldeias indígenas.

O etnólogo Curt Unkel, ou como ficou mais conhecido Curt Nimuendajú, viveu entre os Apinajé por quase 10 anos, entre os anos de 1928 a 1937. Foi o primeiro etnólogo a produzir um trabalho mais sistemático sobre o povo Apinajé.

Nascido em Iena, Alemanha, no ano de 1883, Curt Unkel emigrou em 1903 para o Brasil. (...) Trabalhou para o Museu Paulista, então sob a direção de Hermann Von Ihering, e para o recém criado Serviço de Proteção aos Índios, chefiados por Rondon. (...) Curt Nimuendajú faleceu em dezembro de 1945, no rio Solimões, enquanto estudava os índios Tucunas. Deixou cerca de 50 trabalhos publicados em alemão, inglês e português. (NIMUENDAJÚ, 1956/1983, p 2 e 3).



Figura 2 - Apinajé paramentado com cocar de penas de arara. Fonte: Curt Nimuendajú, 1937

As contribuições do trabalho de Nimuendajú são muito importantes para a Etnologia Brasileira. Destacamos as primeiras fotografias realizadas sobre os Apinajé (Figura 03); a descrição das metades Koti e Kore (metades duais que se complementam em situações rituais, de corrida de tora, de processos de nomeação e/ou outras situações); a discussão sobre território e contato entre indígenas e não indígenas.

De seu antigo território, dificilmente uma parte sequer dele está em posse da tribo, pois os colonos neo-brasileiros estão espalhados por todo o seu habitat hereditário, ainda que esparsamente. Até cerca de 20 anos atrás, não ocorrera a nenhum Apinajé suspeitar que isso representasse algum perigo para seu próprio futuro. Pelo contrário, eles aceitaram de bom grado, por seu valor aparente, os protestos de amizade dos intrusos, e quando abriram seus olhos já era muito tarde (...) todo o seu território tem agora senhores estranhos, e o pouco que sobrou corre perigo de ser apropriado algum dia por algum fazendeiro suficientemente poderoso e sem escrúpulos. (NIMUENDAJÚ, 1956/1983, p. 9).

Assim como Nimuendajú, o antropólogo Roberto DaMatta também merece destaque justamente pela contribuição que faz para compreensão do povo Apinajé. Entre os anos de 1962 a 1970, ele viveu por aproximadamente 12 meses entre os Apinajé e, no ano de 1976, publicou o livro “Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinajé” (versão da tese defendida em 1970). Segundo o próprio autor: “Nós que trabalhávamos com os Timbira estávamos concentrados em organização social, parentesco e contato cultural. Depois ficamos fascinados com os protocolos de etiquetas: nomeação, mitologia, rituais” (DAMATTA,

2019, p. 385). Dessa forma, ressaltamos que as contribuições deste trabalho residem no aprofundamento das discussões sobre as metades Koti e Korê e na aplicação do Estruturalismo – corrente antropológica francesa que tem como fundador Claude Lévi-Strauss – para compreensão de uma sociedade indígena.

Entre 1975 e 1982 são instituídos pela Funai vários Grupos de Trabalho para delimitação da área Apinajé, tendo sido iniciado, em 1979, o processo de demarcação física da área, que teve de ser suspenso por imposição dos índios, que discordavam dos limites que lhes estavam sendo impostos, na medida em que não incorporavam a faixa de terras do ribeirão Gameleira e Mumbuca. Os Apinajé tiveram parte de suas terras reconhecidas pelo Estado brasileiro em fevereiro de 1985, após terem interrompido o tráfego da Transamazônica e terem iniciado “por conta própria” com o apoio de guerreiros Krahô, Xerente, Xavante e alguns Kayapó, a demarcação de seu território. (ISA, 2021).

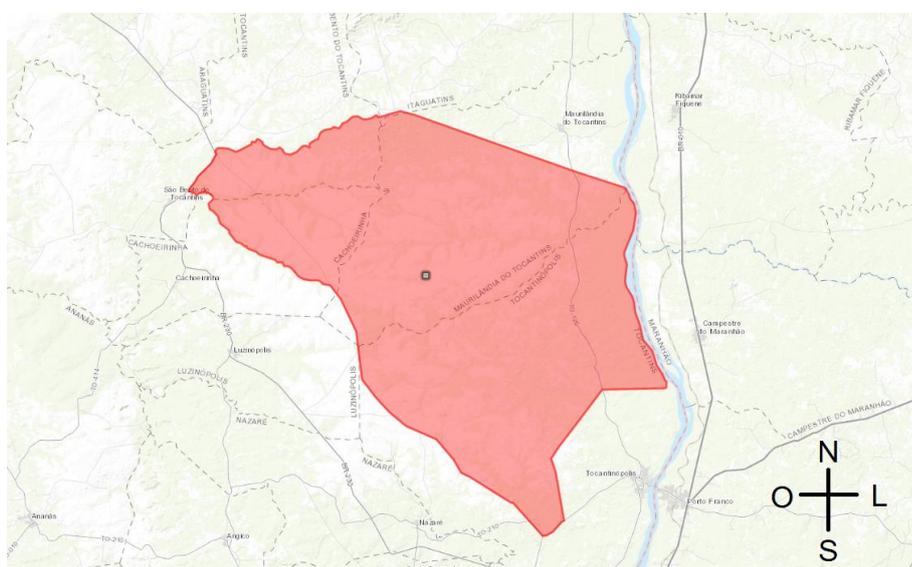


Figura 3 - Mapa sobre os limites da Terra Indígena Apinajé. Fonte: Instituto Socioambiental, 2021

No ano de 1985 a Terra Indígena (TI) Apinajé foi parcialmente demarcada (Figura 04). E atualmente os municípios de Cachoeirinha, Maurilândia do Tocantins, São Bento do Tocantins e Tocantinópolis – todos situados no Estado do Tocantins - possuem incidência sobre está TI.

3.4 Fricção interétnica: algumas considerações iniciais

Durante este capítulo falamos sobre surgimento da cidade de Boa Vista do Padre João, que a partir de 1945 passou a ser chamada de Tocantinópolis.

Desses encontros, ficamos sabendo que os indígenas Apinajé, que antigamente moravam na beira do rio Tocantins, foram expulsos pelos novos moradores que advinham de outras a região do país. No contato com jesuítas, lavradores, comerciantes, coronéis, padres e outros sujeitos, os Apinajé enfrentaram e vivenciaram situações de violência – física, simbólica, cultural e patrimonial. Uma das marcas dessas violências está posta quando, a partir dos contatos com os não indígenas, os Apinajé precisam estabelecer nova moradia mata adentro.

O antropólogo José Reginaldo Gonçalves (1981), orientando de Roberto DaMatta, também trabalhou com os Apinajé e discutiu os processos sociais da construção e manutenção da identidade étnica em que está engajada a sociedade Apinajé, grupo de língua Jê no Brasil central. O autor explora a dimensão “interna” da etnia Apinajé e a estrutura social do grupo. O objetivo do pesquisador era mostrar: a dimensão interna e estrutura social nas situações de contato entre indígenas e não indígenas e como esses fatores estabelecem nas relações provenientes dos encontros entre indígenas e não indígenas.

Quando indígenas Apinajé se encontram com não indígenas na cidade de Tocantinópolis, podem ser demarcados com “qualidades positivas” (inocentes, puros, bons artesões, conhecedores de uma medicina eficaz) ou com “qualidades negativas” (ladrões de gado, cachaceiros, não trabalham, não produzem, são preguiçosos) (GONÇALVES, 1981).

A expressão fricção interétnica indica uma das linhas primordiais de investigação existentes na etnologia brasileira. Em vez de tratar analiticamente as sociedades indígenas como totalidades fechadas e autoexplicáveis em seus próprios termos, os pesquisadores dessa perspectiva enfatizam a necessidade de se entender os grupos indígenas em sua relação de incorporação à sociedade brasileira. (FGV, 1990).

O verbete “Fricção Interétnica” aparece assim descrito no Dicionário das Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Segundo o verbete, quem melhor desenvolve o conceito é o Antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira. Para ele o conceito diz respeito aos processos de contato entre povos indígenas e sociedade nacional. Ou seja, “as relações entre os grupos étnicos não podem ser pensadas unicamente como uma transmissão consensual de elementos de cultura, mas como um processo primordialmente conflitivo, que envolve muitas vezes interesses e valores contraditórios” (FGV, 1990).

Cardoso de Oliveira diz que nossas análises – nas Ciências Sociais - não devem ser feitas como se as culturas indígenas, a partir do contato com as culturas não indígenas,

perdessem suas características “original”. O que autor propõe é “o fulcro da análise não deve ser o aludido patrimônio cultural, mas as relações que têm lugar entre as populações ou sociedades em causa” (OLIVEIRA, 1967, p. 43).

Depois de quatro séculos de conflitos entre não indígenas e povo Apinajé, destacamos que até os dias de hoje momentos de tensão são vivenciados na cidade de Tocantinópolis quando esses dois grupos se encontram. Estes conflitos estão postos nas disputas pela demarcação de terras; nos momentos em que as famílias Apinajé vêm à cidade para realizarem compras nos mercados locais; ou ainda quando jovens Apinajé ingressam como estudantes na Universidade Federal do Tocantins, campus de Tocantinópolis; e, sobretudo na participação Apinajé nos torneios de futebol.

As relações entre essas populações significam mais do que uma mera cooperação, competição e conflito entre sociedades em conjunção. Trata-se - como tenho assinalado - de uma oposição ou, mesmo, uma contradição, entre os sistemas societários em interação que, entretanto, passam a constituir subsistemas de um mais inclusivo que se pode chamar de *sistema interétnico*. (OLIVEIRA, 1967, p. 43).

Julgo que o conceito de “fricção interétnica” é importante para o desenvolvimento desta monografia, uma vez que ajuda a pensar as relações estabelecidas entre Apinajé e não indígenas moradores da região urbana da cidade de Tocantinópolis, a quem eles chamam de kupê - expressão da Língua Apinajé para designar aquelas pessoas que não são compreendidas enquanto indígenas -; sobretudo no que diz respeito às relações estabelecidas a partir da prática futebolística na cidade.

4 ALGUMAS QUESTÕES SOBRE FUTEBOL E A SUA PRÁTICA POR SOCIEDADES INDÍGENAS

4.1 Futebol no Brasil: questões sobre classe, raça e gênero.

Neste capítulo vamos apresentar um breve histórico sobre a origem do futebol e a sua propagação mundial. Posteriormente vamos analisar como esse esporte se difundiu no Brasil entre os povos indígenas. O objetivo é desconstruir a ideia que paira no senso comum de que futebol é um esporte inglês que coloniza diferentes sociedades indígenas. Compreendemos a

prática do futebol como algo que proporciona espaços de troca e proporciona diferentes formas de relação interétnica entre indígenas Apinajé e não indígenas da cidade de Tocantinópolis.

Sobre a importância do futebol no Brasil a antropóloga Mariane da Silva Pisani, nos fala:

“Após 27 anos da chegada de Charles Miller ao Brasil – trazendo na bagagem duas bolas usadas e um livro com as regras do futebol - no ano de 1921, na cidade de Alagoas, o cronista Graciliano Ramos escreve ao público uma crônica na qual discorre sobre a inserção do esporte bretão no país. Segundo Graciliano, a compleição do brasileiro, por demais franzina, mirrada, fraquinha e de uma pobreza de músculos lastimável, nunca se adaptaria à prática futebolística. Para ele, o futebol de homens nunca iria preencher nenhum espaço da vida dos brasileiros, e afinal, se possuíamos, já naquela época, esportes em quantidade, para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras? Por que o futebol? Quase 100 anos se passaram, desde a publicação dessa crônica, e o que vemos atualmente é que o futebol se tornou, para a maioria dos brasileiros e das brasileiras, mais do que uma paixão. O futebol preenche cada canto de nossas vidas, e mesmo aqueles que não gostam da modalidade não conseguem passar um dia sequer sem alguma referência sobre o esporte. Nas ruas, encontramos pessoas com camisas de seus times; nos jornais, notícias sobre campeonatos; nas mesas de bares, sempre surgem comentários sobre a atuação deste ou daquele jogador ou do gol mais bonito da rodada; em época de Copa do Mundo, o Brasil entra em recesso, afinal somos todos liberados mais cedo do serviço, da aula e de nossos afazeres para acompanhar a Seleção Brasileira. O futebol está em todos os espaços do nosso cotidiano. E vai além. Mais do que ocupar o imaginário de milhões de brasileiros, o futebol dita lógicas de mercado e faz girar anualmente bilhões de reais. Os personagens, que nos fazem acompanhar esse espetáculo assiduamente e que ajudam a alimentar essa paixão pelo futebol, estão representados na imagem dos jogadores. Estes, às vezes, tornam-se heróis, outras vezes, vilões. Sobre eles voltamos nossos olhares diariamente, e não somente para acompanhar suas atuações em campo, vigiamos e controlamos, também, suas vidas pessoais. Muitas pesquisas, artigos, crônicas, filmes e músicas versam sobre esses homens, esses jogadores que carregam consigo a responsabilidade de representar uma nação, e defendê-la dentro de campo.” (PISANI, 2012, p.27).

O futebol é um esporte coletivo conhecido no mundo inteiro e principalmente no Brasil, que pode ser considerado – por muitos - como o país do futebol (PISANI, 2012). Sobre as origens do futebol, algumas diferentes teorias se apresentam. Por exemplo: alguns historiadores descobriram em culturas antigas indicativos de jogos com a bola – em que os pés eram utilizados para o desenvolvimento do jogo -, porém nessas culturas esses jogos eram praticados com regras diferentes das que conhecemos atualmente. O historiador Jefferson Evandro Machado Ramos, por exemplo, aborda as origens do futebol em algumas das culturas mais antigas no mundo (2021).

O primeiro lugar sobre qual fala é a China Antiga, aonde o futebol surge durante as guerras. “Após as guerras, formavam equipes para chutar a cabeça dos soldados inimigos”

(RAMOS, 2021, Online). Com o passar do tempo, as cabeças desses soldados foram substituídas pela bola e formavam duas equipes e tinha como objetivo não deixar a bola cair no chão. Posteriormente o autor fala sobre o Japão Antigo, aonde o futebol era chamado de *kemari* e destinado a corte japonesa. “A bola era feita de fibras de bambu e entre as regras, o contato físico era proibido entre os 16 jogadores (8 para cada equipe)” (RAMOS, 2021, Online). Já na Grécia Antiga, aonde o esporte chama-se de *Episkiros*, as partidas eram formadas por dois times com nove jogadores cada, jogava-se em um terreno retangular. “Na cidade grega de Esparta, os jogadores, também militares, usavam uma bola feita de bexiga de boi cheia de areia ou terra” (RAMOS, 2021, Online).

A quarta cultura sobre qual nos fala Machado Ramos é a Inglaterra. O futebol chega à Inglaterra no século XVII e nela ganha novo corpo de regimento, ou seja, foi organizado as regras. Assim o campo onde jogavam os estudantes e filhos da nobreza inglesa “deveria medir 120 por 180 metros e nas duas pontas seriam instalados dois arcos retangulares chamados de gol. A bola era de couro e enchida com ar” (RAMOS, 2021, disponível em: <https://www.suapesquisa.com/futebol/>. Acesso em: 01 nov. 2021). Em 1871, foi criada a figura do “guarda-redes” o goleiro no jogo, que era (e ainda é) o único jogador que deveria pegar a bola com mãos para evitar a entrada da bola em seu gol.

O profissionalismo no futebol foi iniciado somente em 1885 e no ano seguinte seria criada, na Inglaterra, a *International Board*, entidade cujo objetivo principal era estabelecer e mudar as regras do futebol quando necessário. No ano de 1897, uma equipe de futebol inglesa chamada Corinthians fez uma excursão fora da Europa, contribuindo para difundir o futebol em diversas partes do mundo. Em 1888, foi fundada a Football League com o objetivo de organizar torneios e campeonatos internacionais. (RAMOS, 2021, disponível em: <https://www.suapesquisa.com/futebol/>. Acesso em: 01 nov. 2021).

E por fim o autor nos fala sobre o futebol no Brasil. o futebol chega ao Brasil no ano de 1894 através de Charles Miller. Miller teve seu primeiro contato com o futebol na Inglaterra e trouxe de lá a primeira bola de futebol e o regimento da prática esportiva do futebol. O primeiro jogo no Brasil foi em 1895 entre funcionários de origem inglesa e “no início, o futebol era praticado apenas por pessoas da elite, sendo vedada a participação de negros em times de futebol” (RAMOS, 2021, Online).

O futebol, no Brasil, era considerado um jogo das elites econômicas, logo os negros não poderiam participar. Não somente os negros que não poderiam participar desse jogo mais também todas as pessoas que faziam parte das classes mais pobres. Somente a partir da década

de 1930 os jogadores negros começaram a ser aceitos nas partidas de futebol no Brasil (PISANI, 2021).

O livro do cronista e jornalista Mário Rodrigues Filho, intitulado *O negro no futebol brasileiro*, realizou na década de 1960 um resgate de histórias e relatos sobre a consolidação do homem negro nessa prática esportiva. Até meados da década de 1920, o futebol no Brasil era considerado esporte de elite, nos quais apenas os homens brancos poderiam jogar. Foi somente no ano de 1930, portanto, que os primeiros negros começaram a participar – enquanto jogadores – de jogos de futebol. Nessa época, discursos apresentavam as diferenças de jogar, bem como os sentidos do futebol para homens negros e homens brancos. As concepções à época explicitavam que os homens brancos seriam essencialmente superiores em suas capacidades cognitivas e ao participarem dos jogos de futebol faziam-no por lazer, fidalguia, noções de cavalheirismo e *fair play*. Ou seja, o futebol era compreendido como um espaço de construção de uma masculinidade intelectual e aristocrática. (PISANI, 2021, p. 63).

Ainda sobre a questão de participação dos homens negros no futebol sabemos que os jogadores negros tinham que se “camuflar”, colocando toucas no cabelo crespo e clarear a pele com pó de arroz (RODRIGUES FILHO, 1964). A preocupação da imagem do esporte como um jogo praticado apenas pela elite, ou seja, por pessoas brancas e de classe social alta. A relação social do esporte com cultura burguesa era iminente e não poderiam mostrar a figura de um jogador negro com cabelo crespo e pele negra ou qualquer traço, característica, cultura ou descendência do povo negro.

O educador físico Rodrigo dos Santos (2014) relata outro episódio, que aconteceu no ano de 1950, onde o Brasil era a sede do torneio para a maior competição mundial, a Copa do Mundo - evento mundial de futebol que é realizado a cada quatro anos, torneio organizado pela a Federação Internacional de Futebol (FIFA). Nesse campeonato, cada seleção representa a nação de seu país. No episódio relatado pelo autor 200 mil pessoas assistiam à última partida do campeonato, quando seleção brasileira perdeu para a seleção do Uruguai no estádio do Maracanã, sediado no estado do Rio de Janeiro.

Como nas conquistas existem os heróis nas derrotas também existem os vilões. Assim, Barbosa (goleiro) e Bigode (zagueiro) são considerados os grandes culpados pelas derrotas. Não por coincidência, foram negros que desfilaram com a camisa da seleção em um período claramente preconceituoso. Nos dias de hoje os negros são maioria no futebol, mas o preconceito ainda se manifesta principalmente na Europa obviamente não como mesma intensidade do século passado. (SANTOS, 2014, p. 8).

A partida, que ficou conhecida como “Maracanaço” é considerada, até hoje, um dos maiores “desastres” da história do futebol brasileiro. Já era de se imaginar em recairia a culpa

pela derrota. Sobretudo quando observamos os marcos históricos sobre a origem do futebol neste jogo, Barbosa, o goleiro, e Bigode, o zagueiro, ambos jogadores negros da seleção que foram considerados vilões. Deixando claro que o termo vilão na citação tem o sentido preconceituoso e pejorativo que se relaciona, necessariamente, a cor da pele desses jogadores. Eles foram plenamente humilhados por serem negros e não poderiam mais representar a seleção brasileira.

Vale ressaltar ainda que a história do futebol feminino no Brasil também é bastante controversa. Entre os anos de 1941 até o ano de 1979 ele foi proibido por lei (PISANI, 2012) ou seja, as mulheres por condição do seu gênero não poderiam se organizar em times (profissionais ou amadores) para jogar futebol. Por ser um assunto extenso, repleto de polêmicas, deixamos aqui apenas as sugestões de leitura do trabalho da antropóloga Mariane da Silva Pisani (2012, 2018, 2020, 2021).

4.2 A disseminação do Futebol entre os povos indígenas no Brasil

Neste item analisaremos como o futebol se difundiu no Brasil entre os povos indígenas. A disseminação histórica do futebol entre os indígenas no Brasil se deu por volta das décadas de 1920 a 1940 e foi ocasionada por dois agentes institucionais: a Igreja e o Estado (DIAS, 2012).

A disseminação de esportes entre indígenas do Brasil Central se deu, basicamente, através da intermediação de dois complexos institucionais: a Igreja e o Estado. A primeira o fazia fundamentalmente através de missões religiosas, católicas e protestantes. Já o segundo o fazia através da construção de linhas telegráficas ou através da administração de Postos do Serviço de Proteção aos Índios. (DIAS, 2012, p. 150).

A Igreja contribuiu para com a disseminação do futebol através de suas missões religiosas como meio de promover a fricção interétnica com os indígenas. O principal objetivo da Igreja era conseguir controlar (pela catequese) o maior número de indígenas possível. Na tentativa de estabelecer um meio de comunicação com os indígenas e ao mesmo tempo tentar ensinar a língua e a religião cristã, o futebol foi o veículo de intermediação entre a Igreja e os indígenas. Já o Estado brasileiro fazia contato e estabelecidas pontos de fricção interétnica com os indígenas através do futebol. O futebol foi o meio em que esses dois

agentes institucionais conseguiram civilizar os indígenas selvagens e atravessar o Brasil central com a linha telegráfica (DIAS, 2012).

A introdução da prática futebol entre os povos indígenas se deu por intermédio dos trabalhadores da linha telegráfica, pela atuação dos profissionais do Posto de Proteção aos Índios e pela as atividades físicas das Forças Armadas. As práticas esportivas transmitidas por esses agentes institucionais foram a ginastica e o futebol. Os trabalhadores praticavam o esporte em seu tempo livre e as Forças Armadas praticavam tanto durante suas atividades físicas como nas horas livres (DIAS, 2012).

Dias (2012) relata que essa atividade esportiva, o futebol, ocorria durante o tempo livre dos trabalhadores. Segundo o autor, a pratica do esporte foi um impulsionador no avanço da linha telegráfica, uma vez que os indígenas ajudavam os trabalhadores nas atividades diárias com objetivo de jogar o futebol no horário livre. Como dito antes, o futebol contribuiu para o estabelecimento de relações sociais, uma vez que promoveu momentos para fricção interétnica entre indígenas e não indígenas.

Para Vinha e Ferreira (2003), em sua pesquisa entre os indígenas Kadiwéu da aldeia Bodoquena, localizada no Mato Grosso do Sul, a introdução do futebol entre os indígenas Kadiwéu não tem um início evidente. Segundo elas, o esporte foi – provavelmente - inserido na etnia por volta do ano de 1980. As autoras acreditam que os indígenas Kadiwéu assimilaram e transformaram o “jogo do branco”.

Recentemente, por volta de 1980, um novo elemento insere-se no grupo – o esporte. Os informantes, adultos e lideranças esportivas, não sabem precisar quem o trouxe, principalmente a modalidade futebol. Relembra que no convívio com as cidades circunvizinhas, com patrícios que moram na área urbana, alguns deles viram “aquilo”, o “jogo do branco”, “o jogo com bola” e começaram a praticá-lo na aldeia. (VINHA e FERREIRA, 2003, p. 148).

Algumas reflexões se fazem necessárias antes do encerramento deste capítulo. Dias (2002) nos mostra como aconteceu a difusão de esportes entre os indígenas no Brasil central, nesse caso especificamente o futebol. O autor evidencia as ações do Estado e de missionários religiosos, sendo as duas principais medidas responsáveis pela disseminação de esportes entre os índios dessa região, contrariando algumas interpretações do significado histórico desse processo que não necessariamente não resultou na destruição das culturas indígenas tradicionais, porém sendo essas intenções dos agentes responsáveis pelo processo. Neste aspecto mostra as intenções da igreja e do Estado, porém com difusão do esporte hoje os

indígenas jogam e treinam como qualquer outro tipo de time da cidade em busca de reconhecimento e resistência as marginalizações.

Já Vinha e Ferreira (2003) analisaram o esporte futebol a partir da organização e dos sentidos frente às tradições culturais Kadiwéu e as tensões entre eles e a sociedade envolvente. No trabalho as autoras analisaram o grupo indígena Kadiwéu – localizado no Mato Grosso do Sul – e descreveram os processos históricos pelos quais o grupo passou até que o futebol adentrasse suas aldeias. A partir da prática do futebol novas tensões surgem, bem como novas perspectivas de cultura. As autoras mostram como o futebol possibilitou alguns processos de resistência Kadiwéu, da mesma como o futebol proporciona uma renovação dos sentidos sociais do grupo

Poucos ainda são os estudos que dizem respeito à prática do futebol entre sociedades indígenas. Talvez pela ideia errônea de que o futebol – enquanto esporte de origem inglesa – proporcionaria uma “aculturação” das sociedades indígenas. Contudo, como veremos no capítulo a seguir, a partir do conceito de *etno-desporto* que a prática do futebol pode ser inserida nas sociedades indígenas, uma vez que essas têm total autonomia no que diz respeito aos usos, apropriações, transformações e ressignificações da modalidade.

5 INDÍGENAS NA CIDADE DE TOCANTINÓPOLIS E O FUTEBOL

Neste capítulo, vamos trabalhar na apresentação dos momentos em que a fricção interétnica ocorre nas partidas de futebol de campo entre os jogadores indígena Apinajé e os jogadores não indígenas, o local de observação são as partidas que ocorrem na cidade de Tocantinópolis, em campeonatos organizados pela prefeitura municipal em 2018. Compreender as interações entre indígenas e não indígenas nessas competições esportivas, é levar em consideração as representações envolvidas e os seus decorrentes conflitos. Da mesma forma podemos observar que a participação no futebol pode ser um dos fatores que fazem com que os indígenas jogadores venham morar na zona urbana.

Neste capítulo retomamos parte do Relatório Final da pesquisa de Iniciação Científica (IC) que foi financiada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), cujo título foi “Futebol Indígena: a circulação, participação e inteiração dos Apinajé em campeonatos na cidade de Tocantinópolis – TO” (DIAS, 2018). Ela foi desenvolvida a partir de um projeto de pesquisa maior, intitulado “Os Apinajé da Cidade: Interações e Conflitos

Entre Indígenas e Não Indígenas Moradores da Área Urbana de Tocantinópolis (TO)”, que foi coordenada pelo Prof. Dr. Wellington da Silva Conceição e desenvolvidos pelos(as) pesquisadores(as) e estudantes do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre os Territórios Populares e suas Representações (LATPOR).

5.1 Campeonatos de futebol na cidade de Tocantinópolis

A estrutura e organização dos campeonatos – Municipal, Rural e a Copa Indígena, aonde o povo Apinajé compete é de inteira responsabilidade da Prefeitura Municipal de Tocantinópolis. Para participarem desses campeonatos os times indígenas e não indígenas devem preencher a ficha de inscrição de acordo com o 5º artigo do regulamento dos campeonatos:

- a) As Fichas de Inscrição deverão ser preenchidas através do formulário oficial, fornecido pela SEJUV (Secretaria Mun. de Juventude Esporte e Lazer) que estará disponível na própria Secretaria Municipal, as mesmas deverão ser devidamente digitadas contendo todos os dados necessários dos atletas e deverão ser devolvidas nos horários de segunda à sexta das 08h00min às 12h00, juntamente com xerox do título eleitoral do atleta inscrito, carteira de identidade e carteira de vacinação;
- b) Cada equipe poderá inscrever no mínimo 11 (onze) e máximo (vinte) atletas, e 03 (três) dirigentes que poderão atuar como técnico. (PREFEITURA MUNICIPAL DE TOCANTINÓPOLIS, SECRETARIA DOS ESPORTES, 2021).

Cabe lembrar que, em virtude da Pandemia Covid-19, que atingiu o mundo entre os anos de 2020 e 2021, o regimento foi atualizado, adicionado aos pedidos de documentos a carteira de vacina comprovando que os atletas se encontram imunizados contra o coronavírus.

O campeonato Municipal é estruturado por duas divisões: a primeira divisão conta com a participação de oito times e acontece em sete rodadas de partidas; a segunda divisão conta com sete equipes e possui até seis rodadas de partidas. Já o campeonato Rural é estruturado com onze equipes, que jogam dez rodadas de partida. E por fim, temos a Copa Indígena, que possui até doze times que se enfrentam em até onze rodadas de partidas. (PREFEITURA MUNICIPAL DE TOCANTINÓPOLIS, SECRETARIA DOS ESPORTES, 2021).

A permanência das equipes no campeonato Municipal é organizada de forma que os dois times que fizerem a pior temporada na primeira divisão devem descer no ano seguinte para a segunda divisão. Da mesma forma, as duas equipes piores da segunda divisão do campeonato Municipal “caem” para o campeonato Rural. No sentido contrário, as duas equipes que melhor se destacarem na temporada da Copa Indígena e sobem para a

divisão do campeonato Rural, os dois melhores clubes do campeonato Rural “sobem” a segunda divisão do Municipal, e os dois melhores da segunda divisão do Municipal “sobem” para a primeira divisão. Para melhor ilustrar essa organização apresentamos o seguinte fluxograma (Figura 04):



Figura 4 - Fluxograma sobre a estrutura e organização anual dos campeonatos de futebol da cidade de Tocantinópolis. Autora: Mariane da Silva Pisani, 2021.

Dentre os campeonatos mencionados acima, a única competição que não permite a participação de jogadores não indígenas é a Copa Indígena. Como a própria nomenclatura designa é uma competição organizada também pelo poder público da cidade em que somente jogadores indígenas podem participar (Figura 06). Os jogos são realizados na sua grande maioria: nas zonas rurais da cidade e nas aldeias, tendo as partidas da Semifinal e da Final realizadas no campo gramado na zona urbana da cidade tocantinopolina. No ano de 2019, essas últimas partidas aconteceram no campo Lauro Assunção que fica localizado no centro da cidade de Tocantinópolis, e contou com participação da plateia na arquibancada (Figura 07) composta, basicamente, por famílias indígenas.



Figura 5 - Para de identificação do campeonato "Copa Indígena dos Povos Apinajés". Fonte: Mariane da Silva Pisani, 2019.



Figura 6 - Plateia durante partida de futebol indígena (equipe feminina). Autoria: Mariane da Silva Pisani, 2019.

A foto acima retrata o campeonato da copa indígena que envolve equipes masculinas e femininas.

5.2 Interação interétnica a partir dos jogos de futebol

Experiências de interações sociais indígenas na cidade não é um fenômeno atual, pois, são vários episódios que esses grupos étnicos frequentam a cidade como fazer compras, estudar, consultas médicas, passear, consumir, comercializar etc., ou seja, são para vários fins. A cidade se constitui através das interações sociais que ocorrem de diversas maneiras, assim são estabelecidos vários tipos de contatos sociais marcados por uma heterogeneidade diversa (TORRES, 2018, p.31).

As interações entre indígenas e não indígenas relatada por Carina Torres (2018) se dão por vários episódios: os indígenas circulam na cidade para estudar, fazer compras, passear, comercializar os produtos cultivados em suas lavouras e etc. Outro fenômeno de contato social de interação é o futebol de campo. O futebol apresenta facilidade na adaptação e interação de diferentes culturas e lugares.

Em segundo lugar, o Futebol não apresenta grandes dificuldades práticas e instrumentais, adaptando-se a várias condições e regras e parece-me ser este um dos fatos decisivos para a difusão de sua popularidade no Brasil e em várias partes do mundo. Porque o Futebol é um jogo que pode ser disputado em campos oficiais, quadras, em ruas, terrenos, várzeas, pastos, com e sem inclinações e buracos; com linhas pintadas, desenhadas ou simplesmente imaginadas; com traves de ferro, madeira, gravetos, camisas e sandálias; com bolas oficiais, de couro, de plástico, de

meia e até de papel e fita. Na chuva ou em areias escaldantes. De uniforme, chuteira, sem camisa e descalço. De uniforme e descalço e de chuteiras sem camisas. De manhã, de tarde, de noite ou de madrugada. Pode acompanhá-lo a água, o éter, a cerveja ou a cachaça. Antes, durante ou depois. Regras podem ser adaptadas no jogo informal. Gols e campos podem ser diminuídos, "três vira, seis acaba". Praticá-lo pode ser um ato antecipadamente planejado, em torneios ou amistosos ou ser praticado espontaneamente por um grupo. (FASSHBER, 2006, p.99)

O futebol é um fenômeno social em que sua adaptação não possui grandes dificuldades interativas nos diversos grupos étnicos e sociais. Não apresenta condições e regras para iniciar uma partida, adaptando em vários ambientes como quadras grandes ou pequenas, campos, ruas, pastos, terrenos com inclinações e buracos, com linhas pintadas, imaginadas ou desenhadas; também não apresenta muitas dificuldades instrumentais em que pode ser disputado com traves de ferro, madeira, gravetos, camisas e sandálias, com bolas oficiais, de pano, de couro, de plásticos, de papel e fita. Pode ser jogado de camisa e chuteiras, sem chuteira e com camisa e descalço. Em vários tipos de horários, de manhã, à tarde, de noite e de madrugada. As regras podem ser adaptadas em partidas informais tipo “três vira, seis ganha”.

O desporto proporciona a construção de novas relações sociais e representações culturais.

Estas identidades são “naturalizações” que as diferentes culturas fazem do uso do jogo, ou melhor, diz respeito a capacidade que as culturas têm de fazer do futebol, por exemplo, um jogo congruente às especificidades de cada cultura, ou por assim dizer, criam uma “segunda natureza” futebolística ou, como defendemos, o Etno-Desporto. Neste sentido, entendemos que a mimesis opera na construção de novas e inigualáveis relações sociais – uma nova forma de organização de equipes, torneios, torcidas, identidades e rivalidades. Mas também pode ser marcado no corpo físico através do corpo social, i.e., os esportes não são apenas copiados, ao contrário, sobre eles recaem as construções corporais específicas de cada sociedade (FASSHBER, 2006, p. 100).

Para Damatta (2006, p. 96) o futebol é considerado um tipo de drama social e singularidade brasileira que “permite expressar uma série de problemas nacionais”. Este autor considera o Futebol, junto com o carnaval e outros eventos, como parte de nossa "noção de pessoa" (DAMATTA *apud* FASSHEBER, 2006, p.96). Um fenômeno social que revela muito sobre os valores culturais nas quais é praticado e assistido com mais entusiasmo. Para Fassheber (2006) o futebol seria a relação que configura e opera no modo da mimesis que consiste na cópia, caráter e poder do original que transmite a identidade que o jogo pode criar

nas representações culturais, uma "segunda natureza" futebolística - a concepção de Etno-Desporto.

Dois pontos podem ser considerados para essa paixão pelo Futebol. Em primeiro lugar, carrega uma certa ambiguidade: por um lado, as regras comuns dão uma equidade de prática numa sociedade desigual e por outro propicia uma identidade de grupos que pode ser expressa em torno de uma equipe comum diferenciando-se de outras equipes, caso da rivalidade entre os praticantes. (FASSHEBER, 2006, p.98).

Fassheber (2006) explana sobre o futebol oficial ou profissional institucionalizado e formalizado por meios burocráticos no sentido que são considerados dois pontos de ambiguidade pela paixão do desporto, primeiro sentido, envolve as regras que consiste na equidade de pratica em uma sociedade desigual e noutro possibilita uma identidade de grupos que expressa os valores morais e éticos em torno de uma equipe comum em distinguindo da outra equipe rival.

Art. 2º - “campeonato”, tem por objetivo proporcionar estreitamento e laços de amizade entre os atletas de diferentes setores e níveis socioeconômico. Gerar nova iniciativa que possibilite as próprias jogadoras (os) e dirigentes a aproximação esportiva ainda maior entre o bem estar e a responsabilidade esportiva. (PREFEITURA MUNICIPAL DE TOCANTINÓPOLIS, SECRETARIA DOS ESPORTES, 2021).

No regulamento dos torneios organizados pela Secretaria de Esporte de Tocantinópolis, a parte dos objetivos, ressalta-se o estreitamento e laços de amizade em todos os seus regulamentos das competições esportivas organizadas pela mesma (PREFEITURA MUNICIPAL DE TOCANTINÓPOLIS, SECRETARIA DOS ESPORTES, 2021).

5.3 Entrevistando apinajé que são jogadores de futebol

Em 2020, durante a pesquisa de Iniciação Científica, tive a oportunidade de fazer uma observação participante na segunda edição do campeonato Copa Indígena que aconteceu na cidade de Tocantinópolis. Neste campeonato, só jogam atletas indígenas, sendo a semifinal e final decididas na cidade, no Estádio do Lauro Assunção. Foi observado, em primeiro lugar, que as famílias dos jogadores indígenas se faziam presentes na arquibancada, assim como também moradores da cidade. Durante as partidas de futebol vimos que a ansiedade pelo gol era visível em ambos os times indígenas.

As reações de alguns “brancos” presentes durante a partida me faziam perceber que a imagem preconcebida sobre os Índios era de que sua cultura estivesse congelada, como se eles não tivessem mudado com o passar do tempo. As reações preconceituosas apareciam mais nos momentos de observação comemoração dos indígenas, algo que as pessoas da cidade não gostavam e que – por isso - acabavam deteriorando a imagem do índio e fazendo afirmações do tipo que “lugar do índio é no mato”, “Índios só sabe jogar flecha”, “Índio não presta”, “não sabe jogar bola, só sabe correr” e “time de índio só tem perna de pau”.

Quase não tinha interação entre os indígenas e não indígenas durante o jogo, tanto os jogadores indígenas e suas famílias só se comunicavam na língua materna (o Apinajé). A interação mais intensa com um não indígena durante o jogo era com o juiz, aí falavam na língua portuguesa. Na arquibancada a divisória entre indígena e as pessoas da cidade era visível vendo que as famílias ficavam todos unidos em só local e as pessoas da cidade ficavam as beiras da cerca do campo, sendo esses muitos poucos, sendo em uma estimativa de 20 pessoas, sendo eles todos os homens. Nos primeiros jogos, realizados nas aldeias, não presenciei não indígenas como expectadores, exceto uns dois que moram na aldeia por serem casados com mulheres indígenas. Só vieram da cidade os árbitros que conduziram a partida.

Outro ponto importante observador na relação dos Apinajé com o futebol e também presente nas entrevistas é a forma de prática do esporte: veem mais como uma diversão do que como uma competição. Falam com orgulho que não existem brigas quando jogam entre eles e a comemoração pós-gol é sempre muito respeitosa, geralmente com uma simples salva de palmas que também é feita pelo time e pelos torcedores do time adversário. Como relata um dos atletas em sua entrevista:

É diferente por que o dos Índios não tem briga. Se tu jogar no time do branco, eles se falam até o momento de briga e aí não se entender mais. Eles se falam mal até que acontece a briga. Agora, o dos índios não, os índios não têm essas coisas de briga. Só vão falando na língua e jogando.... Vamos dizer “não, bora só jogar bola porque aqui é brincadeira não é coisa de brigar”. Hoje mesmo vi um jogo aqui da cidade, às vezes falam muito aquelas palavras feias, né? A diferença é essa coisa mesmo. (FABRÍCIO, 2019).

Um dos nossos entrevistados nos contou dos conflitos com um time de não indígenas e as punições que sofreram. Mas deixa claro que a atitude dos indígenas foi somente uma resposta a agressão iniciada:

É, aí nós ficávamos ali parados, só que o homem veio bater e os caras também, o jogador de lá também ia agredir ele. Aí, também partimos para cima. Não vamos deixar o cara bater no outro e nós ficar só olhando. Aí, nós fomos lá brigar também. O prefeito puniu a gente com um período de 4 anos sem participar. Aí aceitamos, né... Bora ficar sem jogar o municipal por 4 anos, bora esperar o outro prefeito entrar para nós fazermos uma reunião para ver se nós participar de novo. Aí, quando o prefeito Paulinho entrou nós fizemos uma reunião e ele aceitou nós participarmos de novo no municipal e no campeonato Rural. (FABRÍCIO, 2019).

Podemos dizer que os indígenas Apinajé se fazem presentes na área urbana de Tocantinópolis por uma série de motivos, mais que uma das suas demandas são os campeonatos da cidade. Local onde mais acontecem os torneios. Na fala a seguir, o indígena apresenta que a sua permanência na cidade, para os eventos esportivos, muitas vezes depende da solidariedade de alguns outros moradores da cidade:

Rapaz assim, eu vejo aqui na cidade pelo menos eu trabalho a 5 anos, mas a maioria... Eu conheço muitas pessoas aqui na cidade né, às vezes vou à casa dos outros, a maioria são pessoas legal, que vai à casa dos outros, vai lá conversa, aí é bom ter amigo na cidade é... Conhecido né, que importante ter... Se tu for ir para algum lugar aqui na cidade mesmo, se tu viajar para algum lugar aí tu já tem amigo aqui na cidade, aí tu já vai dorme lá ou fica lá. (GILVAN, 2019).

Outro momento da entrevista perguntamos se o futebol poderia ser um motivo/vínculo para sua veiculação para a cidade. Obtivemos a seguinte resposta de um dos entrevistados:

Sim, as vezes venho aqui na cidade pra isso. Quando começa um campeonato os meninos aqui vão me procurar. Assim brinco no jogo também, jogo bola, brinco até anoitecer e aí vamos embora (FABRÍCIO, 2019).

O futebol é uma prática esportiva corrente entre eles, presente nas aldeias Apinajé, e acabou se tornando um elemento importante de sua cultura. Deste modo, as crianças indígenas preferem essa modalidade esportiva aquelas próprias da sua cultura, como a corrida da Tora e Flecha. O futebol entre eles, conforme podemos observar, é mais universalizado (enquanto prática) dos que entre os não indígenas, pois é comum ver mulheres jogando futebol. Na verdade, não há entre eles a distinção do futebol como um “esporte de meninos”. Percebemos, entre os Apinajé, o que Dias observou em outra etnia.

Atualmente, o esporte, e particularmente o futebol, é um marcante elemento da cultura de muitas comunidades indígenas. Em alguns casos, o jogo é praticado ou consumido cotidianamente, por homens e mulheres, adultos e crianças, com muito entusiasmo. (DIAS, 2012, p. 149).

Com a chegada de tecnologias na aldeia, como a televisão e o celular, a cultura Apinajé sentiu grande impacto. Isso permitiu, por exemplo, uma maior admiração e absorção do futebol, devido sua repercussão nos meios midiáticos. Como observou Dias:

Em alguns casos, esse contexto geral foi determinante para a disseminação de práticas esportivas entre indígenas do Brasil Central... Segundo ele, “onde quer que chegue o telégrafo, por mais recôndito que seja o lugar, ali far-se-ão sentir os benéficos influxos da civilização” (Rondon, 1949, p. 9). Assim, aos olhos de seus realizadores, a instalação de linhas telegráficas não era apenas o estabelecimento de canais de comunicação entre diferentes partes do país, senão uma verdadeira epopeia em prol da civilização: verdadeira “sonda de progresso”, como gostava de dizer Rondon. Foi dentro desse espírito e no momento em que se ampliava a prática do esporte e das atividades físicas no cotidiano das Forças Armadas (CANCELLEA, 2011), que atividades como a ginástica, o futebol e outros esportes foram aprendidas e utilizadas. (DIAS, 2012, p. 158).

Uma das razões da prática do esporte é para motivar o jovem indígena a “sair das coisas ruins”, que seriam as bebidas alcoólicas e demais drogas, como a maconha. De acordo com as entrevistas, percebemos que futebol é o vínculo para a estimulação de jovens indígenas a saírem desses vícios. Vale lembrar que, quanto ao uso de bebidas alcoólicas, os Apinajé temem o seu uso por conta de vários crimes cometidos – nas aldeias e na cidade – por índios embriagados. Sobre o futebol, declarou um dos entrevistados:

Motiva, né. Tirando as coisas de mal que acontece. E como não usa bebida, essas coisas.... O futebol traz felicidades, amigo, amizade... essas coisas né... e representa a aldeia. (FABRÍCIO, 2019).

Podemos ver que o futebol é uma maneira de interação com os não indígenas. Em nossas entrevistas, também podemos compreender como o indígena acredita ser sua representação diante dos “brancos”. Ao perguntarmos para um dos entrevistados o que eles pensam dos moradores não indígenas da cidade, obtivemos a seguinte resposta:

O que eu penso que eles ainda têm muito que aprender com a gente, porque a gente carrega uma identidade já de muitos anos e eles têm que aprender que o tempo dos indígenas serem considerados violentos que agredem já passou... Somos ainda vistos, no meu modo de ver... as pessoas olham o índio de cima a baixo e pensa que índio ele nunca vai mudar, que o índio é um bicho vive na mata que não tem esse convívio pacífico. A gente tem mudado nesses últimos anos nosso comportamento, a gente não é agressivo. A gente, quando uma pessoa vai entrar numa reserva indígena, não vai bater, não vai xingar. Muito pelo contrário a gente vai recebê-los de braços abertos. É isso que eu penso que as pessoas da cidade da área urbana que eles pensam sobre nós... (FABRÍCIO, 2019).

O preconceito ou as representações envolvidas nos campeonatos na cidade de Tocantinópolis. São representadas por Goffman (1980) o estigma historicamente remetido aos povos indígenas em Tocantinópolis “a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena” GOFFMAN, 1980, p. 4). Apesar de se perceberem aceitos e receberem ajuda de alguns não indígenas, na universidade, por exemplo, ainda identificam muitas reações preconceituosas. A fala a seguir, demonstra uma relação com um não indígena que, anteriormente marcada pelo preconceito, ganha novos ares:

O Gilvan falou do Taffarel que uma pessoa assim que... já vi ele já pensando diferente do índio, mas ele mudou completamente o seu comportamento, seu modo de ver. Estava viajando com ele agora pouco e vi a mudança que ele teve nesses anos. Foi 2012, quando eu fui para Araguaína e aí eu fui pegar carona com ele só que ele... ele na viagem a gente foi conversando. Ele falou mal do índio... que o índio não merece morar na cidade tudo mais, mas hoje em dia a gente viu uma mudança significativa nele, que ele mudou completamente, te garanto. Ele estava conversando assim sobre o futuro nosso, e eu vi a mudança nele... Acho que ele por se envolver mais com índio, por saber das suas culturas. (FABRÍCIO, 2019).

Outro ponto ressaltado pelos entrevistados é uma relação de conflito entre futebol e cultura tradicional. Como afirma um dos entrevistados:

...a corrida da Tora e da Flecha, a da flecha ela é mais representativa e também da Tora. Porque quando é festa da Tora eles colocam em um lugar muito separada da Aldeia... e quando eles trazem o futebol, vai ser centro da Aldeia... da flecha também é no centro da aldeia. Tradicionalmente a gente faz de tarde, às 4 horas e as 6 horas da tarde, todos os dias. É por isso que eu tenho essa preocupação... sobre esse esquecimento de dessa tradição importantíssima que é a nossa identidade, nós somos reconhecidos com índio através da corrida da Tora atividades que a gente vem levando aos Trancos e Barrancos, mas a gente tá levando. (FABRÍCIO, 2019).

Apesar do futebol ser um esporte bem presente entre os Apinajé - segundo as entrevistas realizadas, eles jogam diariamente homens e mulheres no cotidiano da aldeia -, os entrevistados afirmam que há um abandono das práticas tradicionais, como a corrida de Tora e Flecha.

6 CONCLUSÕES

O problema de pesquisa que este Trabalho de Conclusão de Curso buscou responder foi: De que forma as relações sociais, entre Apinajé e não indígenas são estabelecidas nos

jogos de futebol na cidade de Tocantinópolis – TO? Para organizar a resposta este trabalho foi apresentado em quatro capítulos.

No primeiro capítulo nós apresentamos o percurso metodológico desenvolvido neste trabalho. Os métodos da pesquisa qualitativa, observação participante e entrevistas, foram relevantes, pois através de diálogos entre o pesquisador e os Apinajé jogadores de futebol, pudemos compreender algumas das formas pelas quais as relações entre indígenas e não indígenas são estabelecidas nos campeonatos de futebol da cidade de Tocantinópolis. Durante as entrevistas os dois Apinajé com quem conversamos deixam evidente que as relações no futebol são amistosas e tranquilas. Contudo, durante as observações nos jogos pudemos presenciar cenas de brigas físicas dentro de campo. Da mesma forma, ouvimos não indígenas proferindo palavras etnocêntricas e de preconceito contra as equipes e os jogadores Apinajé.

Já no segundo capítulo falamos os percursos históricos de formação da cidade de Tocantinópolis. A história da formação e emancipação do município de Tocantinópolis não foi tranquila. Houve vários conflitos e guerras, sendo que os Apinajé que moravam na beira do rio Tocantins, por conta das presenças de colonizadores precisaram se abrigar no meio da mata para fugir da violência. A partir do resgate da história oficial percebemos que os contatos entre indígenas Apinajé e não indígenas foram conflituosas e, atualmente, continuam de alguma forma sendo violentas através de palavras e ações preconceituosas que são direcionadas ao povo Apinajé quando eles estão na cidade. Ainda nesse sentido, o conceito de fricção interétnicas (OLIVEIRA, 1967) nos ajuda a pensar os processos de sociabilidade na cidade de Tocantinópolis, esses processos são os meios de interações interétnicos no contexto urbano em que se dão desde a compra de alimentação nos comércios, vínculos com a universidade acadêmica, na busca de atendimento hospitalar, nas partidas de futebolísticas retratado neste trabalho dentre outros processos de sociabilidade.

No terceiro capítulo discorremos sobre a história do futebol no Brasil e as maneiras pelas quais ele chega entre as sociedades indígenas. Esse capítulo nos ajuda a responder à pergunta de pesquisa no sentido de compreender como, a partir do contato entre indígenas e não indígenas, o futebol é uma forma de relação e estabelecimento de laços sociais. Por exemplo: quando a Comissão Rondon leva os cabeados das linhas telegráficas pelos interiores do Brasil, os povos indígenas que ajudam na montagem e manutenção das linhas, após um dia, jogam bola junto dos não indígenas. O futebol foi um espaço para estabelecimento de relações e contato.

Por fim, no último capítulo apresentamos algumas das entrevistas feitas com jogadores de futebol da etnia Apinajé. Vale destacar que essas entrevistas foram feitas durante o PIBIC sob a supervisão do professor Dr. Wellington da Silva Conceição. O nosso objetivo com as entrevistas era subsidiar o debate teórico proposto nesta monografia. Apresentamos ainda nesse capítulo o conceito de *etno-desporto* desenvolvido pelo antropólogo Fassheber (2006), que diz sobre o poder dos povos indígenas em transformar o futebol, um esporte tradicionalmente europeu, em um espaço de ressignificação da cultura, dos valores morais e éticos, e da identidade.

Ainda no último capítulo, apresentamos as relações sociais entre Apinajé e não indígenas são estabelecidas nos jogos de futebol na cidade de Tocantinópolis, através dos campeonatos organizados pela Secretaria de Esporte da Prefeitura Municipal de Tocantinópolis. As formas das relações sociais que o futebol proporciona entre indígenas e não indígenas são realmente conflituosas. A participação dos jovens indígenas nos campeonatos é motivada para eles não façam “coisas ruins”, como por exemplo, consumir as bebidas alcoólicas. Outro fato observado foi que os jogadores não indígenas da cidade de Tocantinópolis não frequentam as aldeias Apinajé, da mesma forma que os indígenas frequentam a cidade de Tocantinópolis nas peladas ou campeonatos de futebol.

Mesmo que algumas relações sejam conflituosas o futebol ainda é uma forma de gerar vínculos entre indígenas e não indígenas. Os momentos de observação de partidas de futebol entre Apinajé e moradores da cidade de Tocantinópolis foram importantes para entender a fricção interétnica (OLIVEIRA, 1967) entre esses dois grupos sociais. Ambos grupos, que são diferentes entre si, interagem no mesmo espaço físico (campo de futebol) sob as mesmas regras (as do futebol). Estar no mesmo espaço, sendo percebido a partir das mesmas regras promove, de certa forma e no plano ideal, meios para equidade nas suas relações. Por exemplo: um cartão vermelho – que penaliza com expulsão da partida – serve da mesma maneira para indígenas e não indígenas.

Nosso trabalho foi relevante, pois trouxe: a) um breve histórico da cidade de Tocantinópolis, evidenciando as interações e fricções interétnicas entre o povo Apinajé e não indígenas; b) uma parte da história do futebol no Brasil e sua disseminação entre os povos indígenas; c) a discussão sobre as formas que as relações sociais – entre Apinajé e não indígenas - são possíveis no futebol de campo. Ao longo do desenvolvimento deste trabalho puderam ser identificadas algumas possibilidades de continuação da temática a partir de futuras pesquisas com a comunidade indígena Apinajé. Por exemplo: analisar os sentidos

sociais e culturais que envolvem a participação das mulheres Apinajé, que são jogadoras de futebol, nos Jogos Escolares Brasileiros (JEB's), uma competição de nível nacional. Vale destacar que diferentes dos homens jogadores Apinajé, elas possuem essa projeção nacional a partir da modalidade esportiva.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Tocantinópolis**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to/tocantinopolis.html>>. Acesso em: novembro de 2021.
- DAMATTA, Roberto. **Um mundo dividido**: a estrutura social dos índios Apinayé. Petrópolis: Vozes, 1976. 256 p.
- DIAS, Cleber. A igreja, o estado e a bola: história do esporte entre os índios do Brasil central. *In: Pensar a prática*, vol. 15, n. 1, p. 148-175, 2002.
- DIAS, Luciano. **Futebol Indígena**: a circulação, participação e inteiração dos Apinajés em campeonatos na cidade de Tocantinópolis – TO, p. 15, 2018.
- FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. **Etno Desporto indígena**: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang. 2006.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV). Fricção Interétnica. *In: Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GONÇALVES, José R. Santos. **A luta pela identidade social**: o caso das relações entre índios e brancos no Brasil Central. Rio de Janeiro: UFRJ-Museu Nacional, 1981. 139 p.
- HAGUETTE, M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 57-100.
- ISA. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Apinayé**. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Apinaj%C3%A9>>. Acesso em: novembro de 2021.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. A construção do projeto de pesquisa. *In: Pesquisa Social*: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2007. 41p.
- NIMUENDAJÚ, Curt. **Os Apinayé**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1983. 146p.

OLIVEIRA, Nilton Marques de; STRASSBURG, Udo. Notas sobre a desigualdade social no Bico do Papagaio – Tocantins. DESAFIOS - **Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins**, 1(1), 130-148., 2015.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O índio e o mundo dos brancos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1964.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Problemas e hipóteses relativos à fricção interétnica: sugestões para uma metodologia. *In: Revista do Instituto de Ciências Sociais*. vol. IV, nº 1, 1967.

PEREIRA, Clenan Renaut de Melo. **De Boa Vista a Tocantinópolis**. Palmas, TO, WR Gráfica e Editora, 2012.

PISANI, Mariane da Silva. "**Sou feita de chuva, sol e barro**": o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo, 2018.

PISANI, Mariane da Silva. A negra no futebol brasileiro. *In: CAMARGO, Wagner, PISANI, Mariane; ROJO, Luiz (Org.). Vinte anos de diálogos: os esportes na antropologia brasileira*. Curitiba e Brasília: Brazil Publishing e ABA Publicações, 2021.

PISANI, Mariane da Silva. Poderosas do Foz: **trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2012.

PISANI, Mariane da Silva; KESSLER, Claudia; COSTA, Leda Maria. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. 1. ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

RAMOS, Jefferson Evandro Machado. **História do Futebol**. 2021. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/futebol/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editoria Civilização Brasileira S.A., 1964.

SANTOS, Rodrigo dos. Futebol e sua história: possibilidade de efetivação da proposta crítico superadora. **UNESC**, Santa Catarina, v. 1, n. 1, p. 1-11, 06 dez. 2014.

SOUSA, Carlos Antônio de Oliveira (org.). **Tocantinópolis: 150 anos de urbanização**. Goiânia: Kelps, 2008.

TORRES, Carina Alves. **As interações entre os kupẽ e os apinajé no bairro antônio pereira (Tocantinópolis – TO)**. 2018. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, 2018.

VINHA, Marina; FERREIRA, Maria Beatriz Rocha. Esporte entre os índios Kadiwéu. **Brasileira**, Campinas, v. 24, n. 3, p.145-158, maio 2003.